

REVISTA DO GRÊMIO LITERÁRIO

"Alvares de Azevedo"

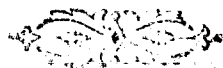
ANO I — (NOVEMBRO—1938) — TOMO I

Presidente do Grêmio: Rubens de Mendonça

*Comissão de Redação: João Baptista Martins de
Mello, Benedicto de Figueiredo, Celso Ribeiro e
Clarindo Brandão.*

Revisor: Lenine Piuças

*Séde Social do Grêmio:
Casa "Barão de Melgaco"*



Guaíba — Mato Grosso

*— Tip. Calháo —
— 1938 —*

REVISTA

DO

GRÊMIO LITERÁRIO

“Alvares de Azevedo”

ANO I — (NOVEMBRO—1938) — TOMO I

Presidente do Grêmio: Rubens de Mendonça
Comissão de Redação: João Baptista Martins de
Mello, Benedicto de Figueiredo, Elcio Ribeiro e
Clarindo Brandão.

Revisor: Lenine Pinhoas

Sede Social do Grêmio:
Casa “Barão de Melgaço”



Guatubá — Mato Grosso
— Tip. Calháo —
— 1938 —

S u m á r i o

- 1—*Nossa Revista*—Rubens de Mendonça
- 2—Palmiro Pimenta
- 3—*Duas Palavras* — Redação
- 4—Discurso do Prof. Isac Póvoas
- 5—*Velhas imagens*—Oscarino Ramos
- 6—*Só*—Leonidas de Mattos
- 7—*Correspondência de sonhos*—José de Mesquita
- 8—*Cuiabá na entrada do Século*—Estevão de Mendonça
- 9—*Luís Nicoláu Fagundes Varela, o andarilho*—Gervasio L. Pereira
- 10—*Notas e Comentos*—Nilo Póvoas
- 11—*Campo Grande*—Maria Müller
- 12—*Rio Cuiabá*—Lenine Póvoas
- 13—*Elogio a José Barnabé de Mesquita (senior)* — João Hamilton R. de Mattos
- 14—*A Saudade não sabe...*—Pedro de Medeiros
- 15—*Paulo Setubal, seus livros e seu estilo* — Corsindio Monteiro
- 16—*Garimpo do meu sonho (coleção de poesia)* - Rubens de Mendonça
- 17—*Rumo ao Oeste*—João Luís Pereira Neto
- 18—*Deus*—Agricola P. de Barros
- 19—*Na Encruzilhada*—Euricles Mota
- 20—*Desilusão e Descrença—soneto*—Ulysses Cuiabano
- 21—*O Preto do Pistão*—João Baptista M. de Mello
- 22—*Velha Estrada—poesia*—José A. da Costa.
- 23—*Tênue Confissão—soneto*—Glórinha Novis



Nossa Revista

Rubens de Mendonça

Temos o imenso prazer de apresentar ao público do nosso Estado, o primeiro número da Revista do Grêmio Literário «Álvares de Azevedo». Esta modesta Revista, representa o esforço de dois longos anos de luctua, onde sofremos as mais hostis campanhas, desde o ridículo até ao insulto, por parte de indivíduos demolidores, «inimigos verdadeiros» do nosso querido Estado.

Não poucas vèzes fomos impiedosamente criticados. E tudo isso porque ?

Porque sempre desejamos a grandeza intelectual do nosso Estado; porque sempre sonhamos com a sua estabilidade econômica; porque sempre fizemos votos para que um dos seus ilustres filhos olhasse com mais carinho para este gigante adormecido !...

Felizmente, com o «Golpe de Estado» de 10 de Novembro de 1937, mudando a ordem dos fatos no país, o nosso Estado se viu «livre enfim das peias da politiquice absorvente. Cessadas as animosidades decorrentes das lutas partidárias, elle resurge, qual outra fenix, — unido e forte — e collocar-se-á na vanguarda dos seus co-irmãos desta grande e querida Pátria Brasilei-

ra como no dizer do Bel. Júlio Müller, Interventor Federal.

E assim conseguimos o apôio de S. Excia. que, em seu brilhante e dinâmico govêrno, inspirado pelos mais elevados sentimentos de civismo e amôr à "Terra do Berço", procura mostrar pelas páginas da nossa Revista o que é a nova geração intelectual da terra do General Rondon.

Antes, porém, de terminar a nossa apresentação, desejamos deixar aqui os nossos agradecimentos ao Exmo. Snr. Prof. Isác Póvoas, M. D. Prefeito Municipal, espírito culto e amigo das letras, a quem devemos a publicação da nossa Revista.



U

que se acende
de quem a rec

Vez p
pria, irradia es
mas de beleza.

Outra
que se extingue
tros sêres, que
espirituais.

A Re
hoje aparece, q
tasse, um dos
lhido por nímia
Grêmio.

Como
colha ?

Mode
contente as bô
essa plêiade b
neste momento
intelectual da r

Dada
tação envolve
silencia-los, er

inventor. E

cia, que, em
pelos mais
à "Terra do
nossa Revista
do General

apresentação,
imentos ao
o Municipal,
devemos a

UMA Revista que surge é como um astro novo que se acende na esperança de quem a cria, nos desejos de quem a recebe.

Vez por outra esse astro se reveste de luz própria, irradia esplendores vivazes, floresce em novas formas de beleza, frutifica em novas aspirações de vida.

Outras vezes, é apenas fogo-fátuo, fosforescência que se extingue, mero satélite de outras almas e de outros seres, que não têm purezas de luz e altas claridades espirituais.

A Revista do "Grêmio Álvares de Azevedo" que hoje aparece, quíz, á guisa de padrinho, que a apresentasse, um dos mais humildes cultores das letras e escolhido por nímia gentileza para Presidente de honra dêsse Grêmio.

Como recusar? Como cumprir tão generosa escolha?

Modesto paraninfo, entretanto, dou-lhe de alma contente as boas vindas pelo nobitante esforço com que essa plêiade brilhante de jovens matogrossenses se lança neste momento nessa luta sublime pelo desenvolvimento intelectual da nossa terra.

Dada sua complexidade, um programa-apresentação envolve uma série de propósitos, que será melhor silenciar-los, englobando se numa proposição genérica:

Incentivar a todo o transe e cada vez mais a elevação da cultura matogrossense, e, assim o fazendo, a Revista se tornará não um satélite efêmero, mas uma estrela de primeira grandeza.

Enfim, estas singelas, porém sinceras palavras se limitam a felicitar a Revista do Grêmio Álvares de Azevedo com os cordiais votos pelo seu aparecimento sob os melhores auspícios.

Palmiro Pimenta





Preito ao honrado Interventor Federal, Bel. Júlio
S. Käller, timoneiro intrépido do grande e
rico Mato-Grosso.



Duas Palavras

AQUI está um sonho transformado em refulgente realidade; idéa que venceu sem um instante de recuo ou desfalecimento; mas que venceu galhardamente como uma semente pequenina que, lançada em terra generosa, germinou, cresceu, encorpou, deitou galhos, se fazendo árvore bemfazeja, acolhedora de ninhos, prodigalizando frutos e sombra.

Aqui está nossa Revista, órgão do Grêmio "Álvares de Azevedo". Ela é assim a concretização dos nossos mais caros desejos, das nossas mais palpitantes esperanças, sonho que a gente sonha acordado num indescritível embevecimento.

Quanto tropeço vencido, quanta luta, que de fadigas e desenganos! E o ideal marchando, lábaro de fé imprecívél, na conquista destas páginas destinadas a transmitir as pulsações dos nossos corações num ritmo do hino admirável que o Brasil Novo está a entoar, hino da sua grandeza e da felicidade da sua gente.

E aqui ha mistér salientar que se dificuldades tivemos de enfrentar, contámos também com a boa vontade dos poderes públicos capacitados de que na inteligência, patriotismo dos moços estará a melhor porção de colabo-

ração na obra magestosa que o Brasil de hoje se impõe—a reconstrução da nossa nacionalidade.

Por isso é com orgulho e satisfação que aqui deixamos consignado o nosso profundo reconhecimento aos exmos. srs. bachareis Julio Müller, honrado Interventor Federal, e Isac Póvoas, operoso Prefeito desta Capital pelo muito com que hão concorrido pela objetivação do nosso ideal, sempre nos assistindo com palavras de incitamento e de fé, encorajando-nos e confortando-nos nas asperesas de todos os contratempos.

Aqui está, enfim, a nossa Revista. Ela surge para tarefa gloriosa do engrandecimento de Mato Grosso, amparada na segurança de bôa acolhida que lhe dispensará o civismo da nossa gente e que assim corresponderá ao esforço e ao entusiasmo que ela representa de bem servir á nossa terra.

A Redação.



Discurso pronunciado pelo Bel. Isác Póvoas, M.
D. Prefeito Municipal, em sessão que lhe
foi oferecida pelo Grémio Literário "Alvares
de Azevedo".

Homenagem



ao Exmo. Sr. Prof. Isac Póvoas, oscaroso
Governador da Cidade-Verde, a quem
devemos a publicação desta Revista.

Distintos membros do Grêmio "Álvares de Azevedo"

A GRADEÇO, meus estimados conterrâneos, esta delicada e encantadora homenagem que, por um requinte de gentileza, resolvestes prestar ao obscuro patricio que hoje tem a seus ombros o encargo do govêrno da vossa cidade natal.

Enche-me da maior satisfação, do mais justificado júbilo a vossa resolução, dedicando-me este festival artístico com que solenizais a data natalícia do primoroso poeta Álvares de Azevedo - êsse que em vida exerceu tão decidido prestígio sobre os seus coevos, leaderando uma grande e selêta geração, e que, mesmo depois de morto ainda impera, ainda é o espírito tutelar que ilumina e guia a mocidade patricia, continuando a congregar em tôrno do seu nome aureolado, pleiades entusiasmadas de jovens que o admiram e veneram atravez de suas obras admiráveis que a lima implacavel do tempo não corrôe, nem tampouco consegue empanar o brilho.

Sois a segunda associação literária fundada nesta cidade sob a égide bendita do dulçuroso poeta da *Lira dos vinte anos*.

Lembrando-se do Prefeito da vossa cidade para alvo desta homenagem, eu sinto meus diletos patricios que tivestes em mira homenagear a vossa Cuiabá querida, na pessoa do seu direto representante.

E quem mereceria, com mais legitimidade, a primeira oferta das primícias do vosso talento que a vossa terra natal?

Ela, que escutou os vossos primeiros vagidos, que assistiu o ensaio dos vossos primeiros passos, ela, por quem vindes trabalhando com firmeza e sem desfalecimentos e que para melhor glorificá-la e para mais soergue-la vos congregastes neste simpático grêmio literário, tinha incontestavelmente ela direito inconcusso a esta homenagem da vossa parte.

E com que radiante satisfação não recebe ela essa oferta da belíssima, a mais valiosa, a mais cara de todas porque a enaltece e dignifica—a oferta da vossa inteligência e da vossa cultura ?

Tenho imerso prazer em vêr surgir e florescer agremiações como esta com que nest'hora me defronto

Sempre encarei os agrupamentos literários como centros excelentes de desenvolvimento, como meios eficazes do aprimoramento do gosto literário e artístico.

São poderosos incentivos para a cultura intelectual, pelo estímulo que despertam; são ocupações honestas e proveitosas, onde as inteligências se desabroçam e onde os espíritos realizando o preceito do velho Horácio, se instruem deleitando.

Dir-vos-ei ainda e por último, que o aparecimento de um grêmio literário se me antolha uma obra de patriotismo, porque, senhores, eu enxergo nêle um esforço conjugado para a obra meritória da elevação da nossa terra pela inteligência e pela cultura.

Eis, porque faço votos sinceros pela longevidade do vosso grêmio, desejando, ardentemente que na sua longa trajetória colha sempre novos e viridentes louros.

Eu estava na obrigação de trazer-vos hoje uma oração à altura dêste magnífico festival, em que além das inteligências brilhantes e promissoras dos estudiosos jovens do grêmio Álvares de Azevedo, fulguram também outros formosos e consagrados talentos.

Limito-me, entretanto, a receber com estas pouquíssimas palavras, a vossa delicada homenagem.

Mas, faço-o com o coração aberto. Sim, aberto, para que todos vós possais ler, nêle escrito, com côres indeleveis, a palavra — gratidão.





*Rubens de Mendonça, poeta e escritor de renome nas
letras do Estado. Presidente do Grêmio Literário
"Aluísio de Azevedo".*



Velhas imagens

Oscarino Ramos

(Da Academia Mato-grossense de Letras)

SAUDADE



Mal as côres levantinas
tingiram o horizonte, á mar-
gem do rio sussurrante,
floriu, em haste esguia, a
solitária flôr azul...

E quando o dia es-
plendeu, como uma ânfora
erguida pela terra em lou-
vôr á Natureza em festa,
ela pompeava...

E lá veio o câro uni-
sono dos pássaros cano-
ros..

E, sôbre ela, o zum-
bido e o revuluteio do be-
souro doirado...

E aquelas paragens se povoaram do cantar alegre
das lavadeiras, enquanto os pescadores, satisfeitos, des-
ciam o rio com a sáfira das pescarias plenas...

É veio o meio dia. O silêncio das horas quentes. . .

A fuga da lida escaldante... O torpôr...

E não tardou que no céu surgisse a tinta dos poentes escarlates e o dia esmaecesse...

A solitária flôr azul que, pela manhã, era vida, esplendôr, símbolo, ao primeiro arrepío da aragem vespertina, estremecia e, melancólica, se inclinava, certa de nunca mais ouvir o canoro rumôr das aves, o murmúrio do rio, sentindo, sómente, em volta, a amplidão, a sombra da noite, que tudo acolhe, misteriosamente, como se fôsse a propria Mórte.

POENTE

Sôbre a estrada solitária cáem as primeiras sombras do entardecer. O silêncio se alarga.

A paz, a grande paz, por certo, não tardará.

Dentro dêste silêncio, sózinho, pergunto a mim mesmo: Afinal, porque êste rumôr, lá fóra? Esta luta, louca e inútil, em busca de tudo que a ambição humana exalta, se tudo emudece diante da única realidade que é o Nada?

INSÔNIA

Lúgubre, a noite desceu e veio, depois, a manhã orvalhada, sorrindo, para o esplendôr da vida.

Essas longas horas, passei-as, insone e aturdido, como se atravessasse um soturno túnel, preso á angústia da vigília pavorosa.

Manhã alta...

Ainda tenho os olhos mareados, o coração opresso, a boca amarga, cheia do teu nome.



*A' memória do grande poeta matogrossense
Leonidas de Mattos, homenagem da Revista
do G. L. "Alvares de Azevedo".*

Só

Leonidas de Matos

(Pertenceu à Academia Matogrossense de Letras)

Triste nasci. Amargos dissabôres
enegreceram minha mocidade.

Da sorte vou sofrendo seus ardôres
nesta vida de tédio e iniquidade.

Fui feliz algum tempo! Tive amôres!
Sonhei glória, sonhei felicidade!
Hoje passo chorando as minhas dôres
na lira soluçante da saudade.

Sem fé, sem esperança, abandonado
para sempre do gozo, desterrado,
tendo no peito a mágua indefinida.

Como o Ascheveis, místico, lendário,
Vou seguindo tristinho e solitário
Em caminho do Gólgota da vida.

Correspondência de sonhos

José de Mesquita

(Presidente da Academia Mato-grossense de Letras)

*Sempre me punge o espírito a tortura
de imaginar si o sonho em que bem perto
de mim te vejo, meiga creatura,
nada mais é que vago sonho incerto.*

*ou si algo de real se lhe mistura
—oásis brando no meio do deserto—
pois tão viva a visão se me afigura
que não sei bem si durmo ou estou desperto.*

*Quão venturoso fôra si pudesse
teus sonhos perscrutar vendo que a cada
vez que essa tua imagem me aparece*

*corresponde em teu sonho igual desejo
e que, sonhando, vês, ó doce amada,
as mesmas cousas que no sonho vejo !*



Cuiabá na entrada do Século

Estevão de Mendonça
(Do Instituto Histórico Brasileiro)
Da Sociedade de Geografia de Lisboa).

1º de Janeiro de 1900—Entrada do século XX. Certa ou errada a conta, assim a cidade festejou este Ano Bom.

Com a lotação sempre completa, os bondes da Companhia Progresso Cuiabano trafegaram a noite inteira. Baile promovido pelo presidente Antônio Pedro Alves de Barros, no sobrado de sua residência; outro baile de feição mais íntima, na casa do coronel Generoso Ponce. De um lado só «papudos» e de outro a nata do «poncismo».

O último movimento armado separou profundamente a sociedade cuiabana, aliás já sacudida desde 1892 por motivo semelhante. A' boca pequena circulou o receio, por parte do governo, de perturbação da ordem pública. A' noite, entretanto, correu tranquila. A's 12 horas em ponto houve *Te Deum* na catedral, e salva de artilharia no morro da Prainha.

Bandas militares percorreram as ruas principais dos dous distritos, espocando girândolas por vários setores. Em Cuiabá festa sem foguete não merece o nome. Apesar da iluminação insuficiente, o jardim Alencastro conservou-se frequentado. Sob as ramagens da frondosa terminália que ali serve de coreto, outra banda de música esteve estacionada.

Visitei pela primeira vez o bispo D. Carlos Luiz d'Amour

para cumprir o desejo de Mamãe. Fiquei surpreendido e fiquei encantado.

Tendo-lhe feito, por vezes e pela imprensa, referências pouco amáveis, o meu constrangimento tornou-se a princípio manifesto. A «política» da Mamãe atingio o alvo: meia hora depois encontrei-me dominado pelo antitstite patricio. Dominado pela alta cultura do seu espírito, e fascinado pela elegância do seu trato

D. Carlos é por temperamento um arredio, e por isso mal julgado. Diminuida a sua auctoridade com o advento do regimem, tornou-se intenciosamente recolhido. A sua veneração pelos antigos imperantes, e a amizade fiel que consagra aos príncipes banidos, são traços expressivos do seu carácter cheio de nobreza. Quando a onda jacobina varreu dos edificios públicos os emblemas da monarquia, a côroa imperial da Sé ali permaneceu. Ainda hoje a vê, á entrada do altar mór.

A tarde a procissão foi concorrida. A imagem do Bom Jesus, padroeiro da cidade, percorreu o itinerário do costume. Outros andores, irmandades e anjos, e Manoel do Nascimento Ferreira Mendes, de opa rouxa, regulando a marcha. Manéco Canavarros em último lugar, bem destacado da multidão, com bengalinha flexivel e castão de ouro.

O meu filho Other recebeu presente régio—a primeira calça que vestio. A' noite fui á casa do coronel Antonio Paes de Barros, encontrando a sala cheia. O capitão X declarou-se incondicionalmente amigo, «em qualquer terreno», do chefe situationista. Sucederá assim quando o vento mudar de rumo, vindo de arrepio? E' duvidoso.

A' minha mesa de trabalho está inundada de cartões de boas-festas. Uma propaganda inteligentemente encaminhada, estou averiguando, é sempre proveitosa. Nada mais banal do que os tais cartões, com iguais dizeres, inexpressivos, agora ocasionalmente em moda pelo atilamento comercial de Avelino de Siqueira.

Reuni em casa os tres Nunos da família — tio, primo e o meu segundo filho.





Luís Nicoláu Fagundes Varela, o andarilho

Dr. Gervásio Leite Pereira

Em "A luta contra o demônio", Stefan Zweig falando de Kleist diz que não ha nenhuma direção da rosa dos ventos, que êle o eterno inquieto não tenha tomado.

Varela foi como o poeta alemão um andarilho.

Dévia haver qualquer coisa na personalidade de Luís Nicoláu que o impelia a essas contínuas marchas e contra-marchas, qualquer coisa singularmente inquietante, uma força misteriosa, um impulso irresistível que o obrigava ser um super vagabundo. Nunca êle se obrigou a um compromisso, nem traçou rumos para a vida.

Foi justamente o desprendimento que quasi chega à irresponsabilidade e a predisposição turística que o transfôrma no mais singular dos poetas nacionais.

Com Álvares de Azevedo, o bardo angustiado, cuja vida é um triunfo extraordinário do espírito, uma elevação contínua para a beleza, um impulso forte para um alto sentimento estético da vida, Varela fórma o par misterioso e indecifrável das letras brasileiras.

O andarilho e o contemplativo guardam, indecifráveis nas suas obras, os segredos da vida. Um e outro carregados pelo Destino até uma elevação acima das montanhas, mantêm-se lá como hieroglifos tentando as argúcias champoleônicas. Entretanto — Sílvio Romero — o maior crítico brasileiro não consegue decifrar Fagundes, pois, o ter dito que o lirismo de

Varela era báquico devido suas flutuações, as incertezas, êsses claros e escuros, essas brigas sutis, essas voltas inesperadas, êsses contrastes, essas ondulações quiméricas, ou ainda: «sua poesia era uma filha da fantasia alada e impalpável» ou mais: «o traço pessoal do lirismo de Fagundes Varela é certo fantasiar vago e dolente, aéreo e brumoso, cheio de doçuras e sonoridades, alguma coisa de impalpável e quimérico, de vaporosos e dúbio, como o sonho de um espírito alheando da realidade», nada significa como interpretação segura e real da vida do poeta. Agripino Grieco, o crítico mais seguro da atualidade, não sai de uma adjetivação inespressiva: «Foi a mais contraditória das criaturas e havia em sua alma a absurda lógica dos contrastes, a consonância das dissonâncias». (Evolução da poesia Brasileira pag. 44). Os críticos não conseguem, sinão fragmentos da personalidade dêsse poeta que viveu — só êle e Álvares de Azevedo—viveram a poesia considerando-a como o ar que se respira, elemento imprescindível da sua vida.

O que ha de mais singular e mais densamente misterioso na sua personalidade, entretanto, é essa inquietude que o faz instavel durante toda sua vida, essa doença de viagens, a contínua procura de horizontes novos. O seu espírito penetra em toda parte, sonda todos os ambientes, mergulha em todos os mares, olha todos os céus, para não encontrar o clima propício para sua alma. E justamente, é essa falta de ambiente que o transforma no mais possante, mais profundo e mais fecundo dos poetas nacionais.

O desespero, a luta para encontrar o seu motivo, arranca de seu peito aquelle brado imenso e tragico:

Tempo, tempo voraz para um momento
concede ao gênio o respirar ao menos.

E' uma fatalidade. como se tivesse, como o judeu, o destino de errar eternamente pelo mundo quando escreve:

Andar e sempre andar! O globo inteiro
perdido atravessar como Caim.
Não achar um repouso, um têrmo, um fim.

Em tôrno do poeta, os outros instalam-se, fixam-se e se transformam em burguezes poetas. Só êle continúa esperando que apontassem o seu caminho, tentando quebrar a muralha espessa que o comodismo do meio sempre levanta em tôrno dos espíritos elevados. Ou então, pior ainda a morte leva seus companheiros e só êle continua. Seu destino

era a incerteza, seu roteiro o imprevisto. E' quando escreve, como conforinado:

Tenho no seio a vida e a liberdade n'alma
aponta-me o caminho por onde devo andar.

—A morte do filho e da primeira esposa é o momento mais trágico da sua vida. Morto Emiliano, escreve, com o coração dilacerado pela dôr, com lágrimas nos olhos o «cântico do calvário», cântico de dôr, lamento do pai que perde o filho adorado, grito doloroso do poeta que perde a inspiração.

Eras na vida a pomba predileta
E mais abaixo:

Eras a mésse de um dourado estio!...
Eras o idílio de um amôr sublime.
Eras a glória, a inspiração, a pátria,
o porvir de teu pai.

A razão de sêr de sua vida, o óleo sagrado que alimentava as chamas de sua existencia, a mais perfumada flôr de seu amôr, tudo enfim não mais vivia.

Pomba—varou-te a flecha do destino
astro—enguliu-te o temporal do norte
Têto—caistel! crença — já não vives!

Até Franklin Távora admira o cântico do Calvário dizendo «é uma das nénias mais elevadas e sentidas que ainda saíram do coração humano».

E' depois dessa desgraça que êle escreve aquele «livro das sombras». Em "Desenganos" diz:

Oh! não me fales da glória
não me fales de esperança.

E dispensa tudo: "o nome impresso no templo da humanidade", "as corôas de poeta" e o "selo da eternidade" apenas para deixar de sofrer.

Se para escrever os cantos
Que a multidão admira
E' mister quebrar as penas
de minh'alma que suspira ?

Perguntava se tinha ainda que andar como judeu errante e

ouvir a selva bradar": "Ergue-te doudo e caminha", "caminha" diz-lhe o monte. «caminha» diz-lhe o prado, e caminha tentando fugir da inspiração que fere sua alma, essa alma tão contraditória dêsse tão discutido poeta.

Em Outubro de 1864, escrevendo o prefácio de «Vozes da América», diz com ironia um dos seus desejos: «o autor pede e espera que as musas lhe favoreçam com a ausência de sua divina inspiração, e o deixem viver tranquilo e sossegado como qualquer vendilhão retirado do comércio, devolvendo lhes êle, como indenisação, qualquer nome ou reputação ganhos nos colégios ou reuniões academicas».

Era uma frase apenas. No íntimo Varela não podia, e sentia isso, deixar de sentir a inspiração das musas, justa mente porque só vivia realmente nos seus versos. Debalde tenta escapar, fugir da poesia. Ela é, e para todos os verdadeiros poetas tem sido, um reclamo imperioso da alma, uma necessidade do espírito da qual não se pôde escapar.

Do livro em preparo: «Fagundes Varela».

Rio, Julho, 38

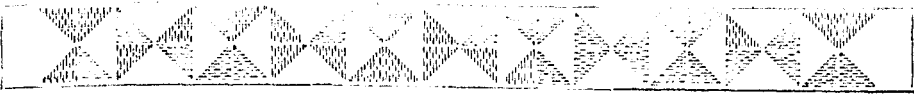


NO

perto
profe
Filho
cade

verd
em o
de a
Bras
tugu
ções
e br

pia
deix
visa



NOTAS E COMENTOS

Nilo Póvoas

(Da Academia Mato-grossense de Letras)

A Língua Brasileira

Acabamos de ler, com a atenção que o assunto nos despertou, a lição magistral contida na tese, com que o eminente professor e laureado homem de-letras Snr. Dr. Cândido Jucá Filho ilustrou a 2ª Secção do Programa do Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil.

Chama-lhe o autor modestamente, de «trabalhinho»: em verdade, porém, é um grande e magnífico trabalho de fôlego, em que o abalizado vernaculista demonstra, com abundância de argumentos, concludentes e irrefutáveis, a inexistência, no Brasil, ao menos por em-quanto, de um ramo dialetal do Português peninsular: pois a tanto não autorizam as diferenciações, que sóem observar-se entre as fâlas das gentes lusa e brasileira.

Essa novidade extravagante, que se carateriza pela inópia de senso na apreciação dos fenômenos linguísticos, não deixou, entretanto, de impressionar alguns espíritos menos avisados em assuntos de linguagem, inclusive os improvisados

filólogos da Edilidade do Rio de Janeiro, que logo desandaram a legislar sobre a matéria

No seio do próprio Congresso das Academias, esse austero cenáculo literário, encontrou, infelizmente, a insensata inovação, uma voz que se levantou em sua defesa. Essa voz, porém, apesar de sua eloquência, mais não fez, que cobrir de baldões aqueles que se batem bravamente pela unidade do nosso idioma, num gesto de desprimor e de chocante irreverência, nada condizente com o elevado espírito de confraternização, que inspirou e presidiu aquele memorável certamen intelectual, fruto da iniciativa superiormente inspirada de Afonso Costa. Ora, não é com objurgatórias que se discutem fatos de linguagem, nem tampouco o sentimento nacionalista é fôrça hábil para diregir a marcha evolutiva das línguas ou para imprimir novos rumos ás suas tendências naturais. As divergências dialetais se operam de maneira espontânea e os seus fenômenos independem, absolutamente, de quaisquer determinações, de quaisquer influências estranhas.

O professor Cândido Jucá Filho, entretanto, propiciou-nos mais uma oportunidade para apreciarmos o seu formoso talento e o profundo conhecimento da língua, da qual é um dos mais estrênuos cultores, com um estudo minucioso, honesto e elevado da questão, não sómente do ponto de vista do léxico, senão também á luz da morfologia, da fonologia, da sínclise pronominal, da sintasse e do estilo.

Amparando todos os seus argumentos com larga cópia de exemplos hauridos nas fontes classicas, as suas conclusões estão a cavaleiro de quaesquer contestações e não se "desfazem, como bolhas de sabão, ao contato do primeiro raciocínio", como, em géral, acontece aos «escaravelhos da linguística». E' que o emérito catedrático do Instituto de Educação não se loubou no «espírito investigador e curioso» das criancinhas de seio, nem se deixou influenciar pela ingênua admiração de uma francezinha taful, com ares de intelectual. Ao contrário, como hábil cirurgião da língua, disseccu lhe, paciente mente, a estrutura íntima, examinou todos os aspectos da questão, principalmente aqueles que sóem ser esgaravitados pelos *nacionalistas de larga visão*, na defesa da hipotéca língua brasileira, e, sem azedumes nem aleives, mas com lógica e ciência, demonstrou a inanidade dos argumentos a que se agarram os propugnadores da utópica emancipação linguística do Brasil.

Tomando, como ponto de partida, o que diz respeito ao léxico, que, á primeira vista, parece oferecer maior resistência, por ser incontestável o influxo que nele exerceram os dialetos

indígenas e africanos, redú-lo o professor Jucá Filho ás suas justas proporções. Com effeito, sendo a língua um organismo vivo, a sua vitalidade se manifesta precipuamente, pelo movimento. Assim, não é para admirar-se esteja ella movimentando-se constantemente alterando as suas formas, no tempo e no espaço. As línguas sómente se immobilizam, depois de fossilizadas. A diferenciação, porém, resultante do maior ou menor número de vocábulos, em seu léxico, não é de molde a modificar a sua estrutura íntima; não influe no seu gênio, não a desvia das suas tendências naturais. Todas as palavras introduzidas no léxico do português falado no Brasil, tiveram de submeter-se às leis da morfologia e de se amoldar ao genio da língua.

Demais disso, como bem pondera o douto professor Jucá Filho, existe, em todas as línguas, um sistema de palavras, que constituem, por assim dizer, o arcabouço da língua, o seu esqueleto; «são os números, os determinativos, os pronomes, as preposições e as conjunções». Estas são as palavras que constituem os elementos essenciais da linguagem. Tudo o mais é acessório, é secundário e pouco importa que avulte ou que escasseie. Desde que aquelle arcabouço, do qual depende a estrutura íntima da língua, permaneça intangível, a língua não perde as suas feições; é precisamente, a mesma.

Ora, o português, transplantado para esta parte do continente americano, aqui recebeu, é verdade, um grande contingente de palavras, quer dos dialetos caboclos, quer dos crioulos, que o difereçaram do português peninsular; aquellas palavras, porém, que são realmente, da essência da linguagem, os marcos característicos do seu gênio, os traços fisionômicos denunciadores da sua origem, aquellas não se modificaram, não se permutaram, não se perderam. Os nacionalistas de larga visão não inventaram uma só. Nada acrescentaram à herança que recebemos. Em Portugal, como no Brasil, continuam ellas a exercer os mesmos papéis, a desempenhar as mesmas funções e a exprimir as mesmíssimas relações na contextura fraseológica, evidenciando a comunidade de traços e a perfeita unidade das duas línguas.

Pode ser que um português, lendo Iracema, o Guarani ou os livros de Catulo Cearense, não os compreenda, como sentenciou injuriosamente alguêm, na sua fobia anti-lusitana; nós, porém, apesar da diferenciação, que se observa nos léxicos das duas línguas, continuamos a ler, a compreender e a apreciar as obras dos escritores lusos, cada vez mais lidas e estimadas da gente brasileira.

Proseguindo no seu meticoloso estudo, esmiúça, pacien-

temente, o erudito professor Jucá Filho a questão morfológica, um dos pontos alvejados pelos árdegos após tolos da nossa emancipação linguística, que dêle fazem cavalo de batalha.

Aí, nessa província da linguagem, reconhece êle, e nem poderia deixar de o fazer, a existência de certos fenômenos de corrupção desinencial, que sofrem os vocábulos, na bôca da gente inculta. Comparando, porém o linguajar do caípira com o do nordestino, a fâla do popular paulista com a do mineiro de igual categoria, mostra que êsses fenômenos, se bem que se realizem de um modo geral, estão longe, todavia de qualquer sistematização pela sua variabilidade, de um meio para outro, conforme registam os nossos manuais de dialeção regional, referidos pelo professor Jucá.

Nos domínios da morfologia, portanto, a nosso vêr, perde o tempo e o latim quem se der ao trabalho de esgaravunchar divergências generalizadas, sistemáticas e capazes de suscitar sequer uma suspeita de variação dialetal do português lusitano no Brasil: pois nesse particular, principalmente, não existe a mais mínima discrepância. A morfologia é uma, a despeito das peculiaridades ortoépicas.

No campo da fonologia, apesar de se achar todo o nosso cabedal fônico calcado nos moldes lusitanos, do qual, se, por vezes, nos afastamos foi para perder fonemas e empobrecer a nossa ortoépia, assinala o exímio professor Cândido Jucá a existência, no Brasil, de frizantes modalidades desconhecidas da gente de além-mar, fato êste que nada tem de extraordinário, nem é exclusivo do idioma de Camões. Idêntico fenômeno é observado em outras línguas. Nem por isso, entretanto, conclue o douto professor, e com êle estamos de perfeito acôrdo, dever se á reconhecer a plausibilidade de se decretar a independência de nossa língua mudando-se lhe a denominação para língua brasileira. De resto essas modalidades emparelhamese, à perfeição, com outras tantas vigentes em Portugal e completamente estranhas ao nosso país.

Os vícios e deformidades, que pululam por êsse mundo afóra e que tão bem sabem ao paladar da onda de analfabetos, que se espraia pela imensidão do território pátrio, êsses, bem é de vêr, não podem ser considerados como indícios de dialeção; pois que, sem qualquer sistematização, nem uniformidade, não exprimem uma tendência coletiva dominante. E Deus nos livre, que se venha a firmar a autonomia da nossa língua e que se confirmem fôros de vernaculidade a êsses dislates registados no canhenho do Sñr. Mário Marroquim, como: *mulé*, em vez de: *mulher*; *colé*, em vez de: *colher*; *diberá*, em vez de: *liberal*; *mermo*

em vez de: *mesmo; areado*, em vez de: *desorientado; garrou de chuva; de noite*, em vez de: *começou a chover à noite*; *isto não vale nada*, em vez de: *isto não vale nada*; e quejandas corruelas grosseiras.

No que diz com a sintasse, então, é que o professor Jucá Filho foi mais abundante e minudente, estudando detidamente todos os pontos de divergência. Assim, referindo-se à declinação pronominal portuguesa, põe de manifesto as corruções por que passou a sua sintasse no meio popular brasileiro, a despeito do cabal conhecimento, que possuimos da sua morfologia, aduzindo, em abôno de seus argumentos, interessantes construções e modismos regionais, que se distanciam das normas ora vigorantes em Portugal. Tal desencôntro origina-se do emprêgo indevido dos casos pronominais, do baralhamento das fórmass tônicas e atônicas e da confusão das suas funções sintáticas. Entre outros casos, faz resaltar o ilustrado professor Jucá o emprêgo vicioso do pronome “êle” como objeto direto; das fórmass “eu” “tú”, “êle”, “nós” e “vós” como sujeito do infinito em construções com outros verbos; das fórmass “eu”, “tú” e “êe” regidas da preposição “entre”; do oblíquo “mim” como sujeito do infinito; da concomitância dos tratamentos “tú” e “você”; da fórmula pleonástica “consigo”, em vez de: “com o senhor”, “com você”; do possessivo “seu” reflexivamente, etc. Essas práticas, todavia, não apresentam um caráter geral nem têm a sanção literária. Os nossos escritores não as abonam e toda a ação dos nossos professores é no sentido de baní-las das nossas fálãs, dando, assim, lugar às lídimas construções vernáculas.

Seja como fôr, porém, o que não se pode contestar, é que grande número dessas construções viciosas, estranhas à índole do nosso idioma, não são sem exemplo em Portugal, posto não tenham, como entre nós, curso literário.

Do ponto de vista da concordância e da regência verbal, tudo aqui se passa tal—e—qualmente como em Portugal. Um que outro caso discordante, porventura apontado cá entre nós encontra logo similar no português peninsular, se não no coêvo, no arcaico. Daí naturalmente, a conclusão racional aduzida pelo professor Jucá Filho, de que a nossa sintasse não é mais do que uma legítima evolução da sintasse lusa.

No âmbito da topologia pronominal, é que mais numerosos casos de diferenciação sóem ser apontados pelos esturvinhados propugnadores da nossa emancipação linguística. Assim, autores há, que afirmam, com a maior sem—ceremônia, ser uso, entre brasileiros, iniciar-se oração com pronome oblíquo, o que, absolutamente, não se pratica em Portugal. Não diremos que é uma mentira; mas não é uma proposição, de todo o ponto, ver-

dadeira. O popular brasileiro diz, efetivamente, coisas como estas: "Me traga o chapéu"; "Me avise a sua partida"; do mesmo modo que diz: "Tu vai"; "Tu apanha", etc. Aleijões são êsses, que andam na bôca da gente iletrada. Uma pessoa sofrivelmente instruída, um ginasiano qualquer, não perpetra deslises dêsse jaêz. Esse mesmo monstrengo, entretanto, dado como um estigma de abastardamento do português falado no Brasil, vamos encontrá-lo estadeado no "Monge de Cister", caído da pena cintilante de Alexandre Herculano, na frase: "Me melem se eu percebo o tal doutor". E não é só. Nas célebres "Cartas" do Padre Antônio Vieira, o mestre guapíssimo da língua, encontramos refestelada, a seguinte: "Me avisam em muito secreto que a Hespanha tem resolutu romper a guerra com França". Assim, todas ou quási todas as modalidades sintáticas apontadas pelos néo-dialetologistas como brasileirismos, foram nadas e criadas em Portugal, de onde as recebemos, de par com as mais custosas gemas da linguagem.

Fôra isso, o que nos afeia a língua, é um número inumerável de solecismos e de barbarismos, de vícios grosseiros e condenáveis, que o bom estilo repele e que felizmente tendem a desaparecer, graças à ação conservadora da nossa pujante literatura, da uniformização ortográfica, fator dos de maior valia para a fixação da prosódia nos dois países, e, sobretudo, ao esforço dos mestres concienzosos, que, como o estudioso professor Jucá Filho, procuram estudar os fenômenos linguísticos, na sua origem e evolução e explicá-los à luz da ciência e da história, em vez de fazer cômico com a grita daqueles que, sem ser caturras, entendem que a emancipação das línguas se opera, apenas, com a mudança de nome.

Quando o português foi transplantado para o nosso meio físico, era já uma língua plenamente constituída, rica, disciplinada e firmada definitivamente, no bronze dos seus imperituros monumentos literários.

Defender, com ardôr, êsse precioso legado, é o mais sagrado dos nossos deveres. Atentar contra a sua unidade, é um crime.

Rio de Janeiro, Julho de 1938.



CAMPO GRANDE

Maria Müller

(Da Academia Matogrossense de Letras)

Vinte e seis de agosto; chove.
O céu é um arco cinzento
Escuro e baixo. O vento
Zune no descampado;

Tudo alagado

Passo a passo, a tropa segue,
Trás miragem que persegue.
Começa a estação chuvosa

Pressurosa,

A caravana porfia
E o cansaço desafia !
Dia alto, o vento cessa,

E se processa,

A mutação do cenário:
O sol abre o velário
Das nuvens; traz bonança
O arcoíris, nas côres,
Fagueira, como a esperança.
Os heróis desbravadores
Balbuciam uma prece:

Entardece !

Este cenário empolgante
Não tem o rincão distante;
Nas alterosas devesas,
Nos alcantís e asperêzas,
Da fera terra mineira,
Esta amplidão condoreira,

Ali não existe.

Ninguém tolhe, nem resiste,
A atração misteriosa
Que dimana esplendorosa
Dêstes campos do altiplano.

O velho montalegrano
JOSÉ ANTONIO PEREIRA
Conduz a família inteira,
Amigos e camaradas,
As plágas abandonadas.
Que um dia êle deslumbrado,

Conturbado,

Vislumbrára num repente,
Dum outeiro quasi enfrente,
“Aqui diz êle — deixei;
Ora vejam, assinalei:
Neste tronco uma cruzeta.
Ali adiante a carreta
Esbarrei. Era em Junho:

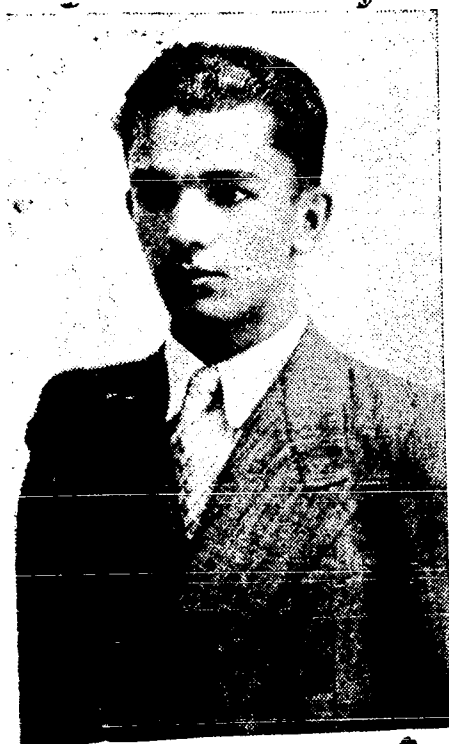
Estremunho,

Em pensar naquele frio !
Um fogueirão nos deu brio
E alentou nossas almas
Bem me lembro: Estas palmas
De altaneiros buriús;
O' piar das juritús,
Na fímbria dêstes cerrados
Cabeceira dos valados.
Aqui se encontram e se abraçam,
Após rumos que retraçam,
Unem se “PROSA” e “SEGREDO”....
O silêncio em tórno é tredo,
Mas preparemos o pouso
O meu último repouso,
Nestes rincões quero ter.
Aqui desejo morrer”...
—A companhia fez alto;

E de assalto,

As leiras, pastos e roças,
Surgiram por entre as choças.

Assim nasceste ridente,
Cheia de vida, fremente,
Toda fagueira e serena,
Linda “CIDADE MORENA”.



João Baptista Martins de Mello, Presidente do Grêmio Literário "José de Mesquita", membro do G. L. "Alvares de Azevedo" e da Associação de Imprensa Matogrossense; brilhante jornalista, Redator-Chefe do conceituado periódico "Correio da Semana".



Rio Cuiabá

Lenine Pivoas

NÃO resta dúvida que o meu passeio predileto é mesmo o Porto de Cuiabá.

De todos êsses pontos pitorescos que circundam a Cidade Verde, nenhum outro, talvez, me agrada tanto e tantas recordações me desperta, como o Porto.

Alí passo horas esquecidas, sôbre o velho cais, a contemplar o piscoso Cuiabá que preguiçoso rola, recurvando os ramos dos verdes saranzáis.

Quanta poesia não existe no marulhar das suas águas, quando estas se apertam por entre as pedras dum leito estrangulado ! Vejo-o, à sombra amiga dos tarumeiros seculares.

Pouso preferido da passarada, é dos ninhos que balouçam nos seus ramos floridos, que partem ternas endeixas, com que os aládos cantores se despedem do dia que morre.

Aos primeiros tufoês do Sul, à ameaça do inverno, fôgem os pássaros. Os ninhos ficam desertos, mudos, órfãos de carinhos... Mas êles voltarão em bando, quando

os tarumeiros estiverem, outra vez, tão bélos, em Setembro refflorindo,

«Tanto mais bélos quanto mais antigos,
Vencedores das idades e das procélas.»

Lá na curva a jusante, um navio aponta. No seu caminhar moroso, vence, a custo o “estirão”, fronteira o jardim, e “morde o ferro a desejada areia.”

Áquele que vem conhecer a Cidade Verde, pisar o seu chão de ouro, o lendário rio não esconde uma só das suas belezas. Antes, oferece-lhe paisagens encantadoras, desde a alvorada áacre da passarada irrequieta, até as telas majestosas dos seus divinais crepúsculos.

E o viajor aprecia, maravilhado, a beleza facinante dessa estrada líquida, repetindo a mesma róta que há mais de dois séculos fizeram Pires de Campos e Moreira Cabral, até quedarem-se extasiados diante da riqueza sem par, dêste sólo abençoado,—a maior conquista do bandeirante audaz.

E o histórico Cuiabá será ainda e sempre a estrada preferida pelo novo bandeirante, como a nossa principal via de comunicação com Corumbá e o Sul-matogrossense.

Mas... eu sou suspeito para falar das belezas do meu grande rio amado. Um tilho, olhando a sua feia mãe, certamente, verá nela a mulher mais formosa do universo.

Quero transcrever aqui, uma página dum grande escritor-uruguaio escrita ao atravessar o poético rio no «Rosário». E, com linguagem insuspeita, começa a descrever o quadro que se apresentou aos seus olhos nas margens do Cuiabá:

«—Campamos á la orilla del Cuiabá. Que espectáculo tan bello!! Necesito detenerme un momento; y si mis propensiones tubiesen esa facultad descriptiva con que los poetas idealizan los encantos de la naturaleza salvage los lectores de este viaje hallarian una pagina de Ariosto, ó del Tasso, una assimilacion de las florestas encantadas donde seres fan-

tásticos y semidiosas fabulosas tejen sus intrigas y desencadenan sus pasiones.

El agua del Cuiabá es clara como el cristal mas puro; y corre sobre un lecho de piedras cilice de mil colores que se ven al travez del liquido transparente. — Un bosque inmenso se levanta á su orilla — La vegetacion es alli gigantesca — Los arboles se elevan à una altura prodigiosa y se mezclan con las elevadissimas tacuaras, las veraes palmeras, que se entremesclan con un capricho verdaderamente artístico sôbre un suelo limpio y despejado, formando à veces un remedo de las portadas de las ciudades biblicas, entradas suntuosas al estilo de los porticos destruidos de los templos góticos; arcos de triunfo como los que conmemoran las glorias épicas, inmensos tunels, en donde solo se escucha el pasage de los vientos ó subterráneas catacumbas de alguna abadía del medio Evo.

Peró todo esto en proporciones incomensurables; modelos misteriosos de una arquitetura brotada de la tierra y palida por la intemperie; jardines de invierno que el arte europeo parece copiar aqui, donde los ha trazado la mano sublime de la Providencia.

Por la noche el espetáculo era aun mas bello. — La luna estaba en su esplendor; y su luz suave penetraba dibujando en el suelo despejado los mil caprichos de la fantástica techumbre; el rio parecia una corriente de plata que escapase de las entrañas de esa tierra dorada.»

Em outro passo, continúa :

•Ese cuadro animado por los fuegos; ese monton de hombres asilado al borde de los rios desconocidos, y turbando con sus festivos ecos el eterno silencio de los bosques, merecia ser sorprendido por un pincel inspirado, merecia ser cantado en esas melancolicas baladas que los bardos lunaticos de Escocia recojen de cuando en cuando sobre sus lagos azules.

El recuerdo de esa escena magnifica debia gravarse en mi mente con un signo del cielo, como estaba ímpreso en las emociones de mi alma.»

E é assim, que os filhos doutras plágas, sabem, melhor que os brasileiros, apreciar os quadros deslumbrantes desta natureza portentosa.

Desejava, que o Cuiabá fôsse surpreendido na quietude feiticeira das noites enluaradas, por um Bilac !

Talvez possuissemos prósas ainda mais formósas, na língua em que "Inocência" imortalizou Taunay.

A' noite, vendo nas águas do Cuiabá a sombra das árvores gigantescas que o margeiam a emoldurar um espelho refletindo estrélas que cintilam em céus de porcelana, recordo-me daqueles versos do grande Arcebispo:

E a figueira do adeus a esta terra que adóro;
E dizem que ao luar, quando o éter é sonoro,
E a natureza em paz se ajoelha ao pé de Deus,

A árvore, na mudez tumular dos barrancos,
Entre palpitações sutís de lenços brancos,
Repete soluçando as músicas do adeus !

Mas não é só pelas suas belezas, que amo o rio Cuiabá.

E' que vejo também nas suas águas, a recordação dos dias de minha infância, dos dias que se foram e que não voltarão nunca mais !

Cuiabá, Outubro de 38.



João Hamillon Rocha de Mattos

ELOGIO

— A —

JOSÉ BARNABÉ DE MESQUITA
(SENIOR)



*Exmo. Sñr. Presidente do Grêmio Literário
"Álvares de Azevedo".*

Meus senhores :

ESCOLHIDO pelos meus amigos mui gentís do Grêmio Literário «Álvares de Azevedo», para preencher a vaga da cadeira n.º 9 desta Agremiação Intelectual, eu me sinto mesmo atrapalhado em desenvolver tão difícil problema de prestar á memória saudosa do Sñr. José Barnabé de Mesquita, patrono da cadeira que passo agora a ocupar, os elogíos de que são dignos todos os patronos dos Grêmios, Centros e das Academias Literárias.

Creio, entretanto, que desnecessário é dizer, que para desenvolver tal missão, senti-me muito honrado.

Meus senhores : examinando o pouco que conheço sôbre a vida do Sñr. José B. Mesquita, passarei a lêr neste momento solene, a difícil tarefa de que fui incumbido pelos meus colegas do Grêmio «Álvares de Azevedo».

Filho deste grande Estado de Mato Grosso, o meu patrono viu, pela primeira vez a luz do dia, na então próspera vila de Diamantino, a 7 de Março de 1855, terceiro filho do casal Rocha—Mesquita.

Orfão de pai aos 6 anos, José B. de Mesquita não teve a infância despreocupada, que todas as crianças têm, pois a sua família viu-se em grandes embaraços, pela falta do saudoso esposo e pai, que a vinha orientando da melhor maneira possível.

Em março de 1862, quando contava apenas 7 anos de idade, o pequeno José entrou para a escola pública do prof. Manoel S. da Costa.

Desde os primeiros dias de aula, José Barnabé, manifestou o seu grande desejo de estudar, concluindo com rapidez e brilhantismo o curso primário, no qual obteve distinção. Pouco

mais tarde, começou José a estudar o latim com um sacerdote muito instruído, que por essa ocasião chegara a Diamantino, abrindo um curso, no qual estudou gratuitamente.

Estudante incansável, José não perdia o seu precioso tempo em brincadeiras, pois, quando saía das aulas, ajudava sua pobre mãe nos afazeres domésticos; e ainda mais, quando não tinha serviço a fazer, passava o tempo todo a ler os bons livros da pequena biblioteca paterna, servendo conhecimentos que julgava necessário.

O seu gosto pelo trabalho era tal, que, com a idade de 11 anos, José já se punha a escriturar sem recompensa alguma, em casa do seu professor. Aos 12 anos, ocupou o cargo de caixeiro na casa comercial do Sr. Jesuino de Oliveira, onde apesar de o seu ordenado ser pouquíssimo, conseguiu ainda fazer economia, montando logo depois uma casa comercial.

Depois de várias viagens a Cuiabá, onde a sua relação comercial já era grande, José ficou empregado na casa do Sr. Martim Guilherme, quando recebe uma carta da sua família, comunicando-lhe a morte do seu irmão Herculano. Magoadado com a notícia, escreveu uma carta á sua progenitora, que terminou com estas tristes frases que bem mostram o seu talento, o seu espírito carinhoso, o seu amor ao próximo, enfim, a sua grande fé e esperança em Deus:

«Si havemos de sofrer aqui, soframos no mato... Muito me entristece vêr que minhas irmãs têm de mudarem-se para cá e eu não poder obrar dêssa maneira. Contudo, resignemo-nos. Lembrem-se também do axioma de Monte-Christo: ter fé e esperar. Volto para lá, vamos trabalhar e aos trabalhadores Deus sempre ajudará. Viveremos reunidos nêssa Vila. Aqui tudo para mim é sinistro e pavoroso. Virei aqui por necessidade, mas de mudança não pretendo...»

Mais tarde, em data de 28 de Dezembro dêsse mesmo ano, êle redigiu nova carta á sua progenitora, dizendo o seguinte:

«Sinto bastante ter que ficar nesta cidade, porque não tenho queixa do povo Diamantinense, mas o comércio aí está muito decadente...»

A 9 de Novembro de 1880, depois de passar 3 anos mais em Diamantino, resolveu José Barnabé o seu já novo desejo de mudar-se com a família para Cuiabá, o que se deu logo, chegando nesta cidade, no dia 15 do mesmo mês. Algum tempo antes de realizar êste seu desejo, José já idealisava um outro plano, pois, assim disse:

«Tenho imaginado que ficará mais conveniente para todos nós, passarmos para Cuiabá e não negociarmos lá. Minha mãe e irmãs, morando juntas comigo, na pequena casa que lá tenho

comprado, cuidarão nos arranjos domesticos. Eu estudarei no Licêu os preparatorios sendo ao mesmo tempo solicitador ou advogado provisionado.»

Realizado o seu sonho dourado, José mantinha por conta própria uma pequena casa de negócio, à qual pôs termo em fins de 1881, empregando-se na casa do Sñr. Martim Guilherme, tendo por ordenado mensal 50\$000, e ainda, nas horas vagas, estudava os seus processos de advôcaciã.

Apezar do seu grande trabalho, José B. de Mesquita ainda aceitou o cargo de professor de matemática do colégio de P. Aureliano Pinto Botelho. Partilhando assim o seu tempo entre o trabalho e o estudo, podemos afirmar que José B. de Mesquita, é um dos poucos homens a quem Deus deu força e um grande desejo de vencer, pois, além de todas as suas taréfas escolares, familiares e profissionais, para José Barnabé, nunca havia faltado uma parcela do tempo para uma boa leitura.

Muito amante dos seus, José B. de Mesquita, só se afastou de casa depois do golpe fatal da morte.

Fazendo, a 2 de Junho de 1884, um exame de suficiência, a fim de obter a sua provisão de advogado, «A Situação» em nº de 8 do mesmo mês exprimiu-se da seguinte maneira:

«No dia 2 do corrente, ao meio dia, prestou exame de suficiência perante o Exmo Sñr. Conselheiro Presidente da Relação, a fim de obter provisão para advogar, o inteligente e estudioso Sñr. José Barnabé de Mesquita e foi aprovado plenamente. Foram examinadores os Sñrs. advogados Major João Maria de Souza e Tte. Antonio de Paula Corrêa.

Concluido o ato, o Sñr. Barnabé convidou a todas as pessoas presentes para acompanhá-lo à sua casa e tomarem um copo de cerveja

Enviamos-lhe os nossos sinceros cumprimentos pelo modo brilhante pelo qual proveu a sua aptidão e fez luzir a sua robusta inteligência, desejando mil prosperidades na nova e nobre carreira que vae encetar...»

Religioso, honesto, sempre honrou a sua palavra, mesmo nos compromissos mais terriveis. o que lhe grangeou dedicções e afêtos.

Republicano ardoroso, José colaborava assiduamente no jornal «A Situação» órgão do Partido Republicano, e no «Espectador».

Considerado como grande pensador e politico, assinou José com 21 companheiros o manifesto do Partido Republicano.

Abolicionista de coração, fez ête com 4 companheiros o trato de nao mais aceitarem causas contra a escravidão, terminando por dizer:

«Para nós já não há mais escravos no Brasil—há libertados.»

Escreveu ainda varios ensaios, entre os quais se notam: “Engenho Central” em 1885; “A dívida paraguaia”; “Uma candidatura conciliadora”, etc.

Além desses trabalhos publicados, José deixou um ensaio intitulado: “Estudos politicos” e numerosos apontamentos, dos quais vou lêr os seguintes :

«Pedro I paralizou o movimento de liberdade do Brasil apoderando-se da corôa. Creou garantias para si e deu ao povo uma liberdade illusória».

«A fórmula republicana é a que melhor convém ao Brasil. A monarquia é cara para o nosso paiz».

«E’ tempo de meditar nas lições da história: o Brasil, moço, está velho pela monarquia; é preciso rejuvenesce-lo pela república», e muitos outros de valor.

Estes pensamentos aqui transcritos, bem dão provas do grande ardor patriótico do saudoso José Barnabé de Mesquita.

«A religião é a base da perfeita liberdade: ha muita tibieza no ânimo dos homens—é preciso mais fervor».

Esta é uma bela frase, pela qual podemos avaliar o espírito religioso do grande pensador Diamantinense.

Poeta de real valor, desde os 15 anos de idade, a população diamantinense já conhecia várias das suas belas produções.

Meus senhores: creio que o bastante que fiz ainda seja pouco para enaltecer a memória dum homem da têmpera de José Barnabé de Mesquita. pois, além dos que pouco antes disse, o então jovem José Barnabé ainda escreveu outros trabalhos como sejam: “As viravoltas do mundo”, obra esta inacabada, e, várias cartas literárias, contos, etc...

Meus caros colegas! agora vos pergunto :

Carecerá de encômios uma mentalidade como seja a de José Barnabé de Mesquita, que lutando com todo o sacrifício chegou a sêr: comerciante, advogado, literato, jornalista, orador, historiador, psicólogo, enfim, um grande artista do bello?... Que titulo ainda pôde faltar a uma pessoa que chegou a sêr tudo o que desejou na vida?... Chegou a ser 1. Sargento do 4º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional. Procurador Fiscal do Tesouro do Estado. Professor de Latim e Matematica do Licêu Cuiabano, etc...

E agora, meus senhores, depois de haver manifestado tudo, devo assinalar a data 15 de Março de 1891, data esta em que José Barnabé contraiu casamento com D. Maria de Cerqueira Mesquita, alto ornamento da então sociedade cuiabana. Dêsse enlace teve José Barnabé um unico filho que re-

cebeu na pia batismal o nome paterno. Pouco tempo gozou José das delícias do lar conjugal, onde com carinho, soube desempenhar a grande missão de bom esposo e pai, pois, adoentado pelo excesso de trabalho, veio a falecer fulminado por um colapso cardíaco, às 11 horas da manhã do dia 12 de Agosto de 1892.

Meus senhores: terminando esta justa homenagem, assim é que quem aqui vos fala, muito indigno de tão sublime encargo, vos pede insistente, não deixardes de associar á minha debil voz inaltecendo à figura imponente e pre-excelsa do grande José Barnabé de Mesquita, rogando a Deus pelo descanso da alma dêsse grande vulto, que, galhardamente, soube enriquecer a historia da Literatura Matogrossense.

Disse.



A Saudade não sabe...

Pedro de Medeiros

*A todos os protestos eu me amarro
para esquecer o que de nós se diz...
Mas a Saudade pensou que o meu cigarro
fôsse um pedaço de giz
e pôz-se a escrever com tinta gris
da fumaça, tanta coisa linda
tanta coisa incrível,
que me convenceu !
julga de certo um impossível !
Ou a Saudade não sabe ainda
que o nosso sonho se desvaneceu !*



Paulo Setúbal, seus livros e seu estilo

Corsíndio Monteiro

Dos bons romances que tenho lido, nenhum me impressionou, nenhum me gravou mais em mente que estes: "O Romance da Prata", "A Bandeira de Fernão Dias", "Confiteor" e "Alma Cabocla" do grande escritor e poeta Paulo Setúbal.

Dotados de uma simplicidade tão espontânea, são eles, livros dignos de figurar em todas as estantes, livros que devem ser lidos por todos, para os que gostam das belas formas, da elegância e da simplicidade. Mesmo os que não gostam de ler, mesmo os que não sentem atrativos por romances, sentir-se-ão atraídos pelo fio destes assuntos, pelo enredo da vida bandeirante "destes brasís", e da vida do escritor e da beleza caprichosa do seu estilo nas suas impecáveis construções.

"O frescor e a espontaneidade, onde nada ha rebuscado e artificioso,—diz nos o editor—caracterizam essas paginas que lhe saíram do coração e, parece, também palpitam".

Rebúsquemos aquéla pagina formidável, do desbravamento dos sertões. Encontrámos o autor narrando a sanha, a argucia do senhor de Jequirissá por aquella serra da prata tam ambicionáda :

"Mas que importava aquella morte para o fragueiro senhor do Jequirissá? Que importavam as febres? E os bichos do mato? E os bugres? Nada! João Coêlho de Souza tem agora no peito, bem assente, esta ousada idéia: atufar-se por esses silvêdos adentro em busca da serra da prata.

— Cuidado, senhor João Coêlho de Souza, cuidado! O ser-

tão do Brasil é traíçoeiro. Todos os que, até hoje, tentaram desvendar as riquezas que o mato esconde, morreram... Não escapou um só!

Foram baldadas as palavras. A serra da prata, aquela aguilhoadora serra, alva e resplandecente, com os seus cimos de prata, com as suas entranhas de prata, com as suas areias de prata, bailava fuzilando diante dos sonhos gananciosos do senhor d'engenho. Nada o demoveu.

E João Coêlho de Souza aprestou-se para a visionária jornada. Aprestou-se e partiu".

Pagina belíssima traçada de um jácto. Com a sua—calorosa simpleza—como diria ele, com o seu cinzél de mestre na materia, modêla a tosca vida das bandeiras nesses sertões de meu Deus.

Mais adiante reláta-nos ele a volta do senhor de Jequirissá: "Após tão comprido jornadaio, João Coêlho de Souza tornou de novo ao seu engenho. Mas não tornou desiludido. Ah, não! João Coêlho tornou radiosamente esperançado. Dizem todos que trazia ele muitas amostras de prata. Mas, ao tornar...

—Cuidado, senhor João Coêlho de Souza, cuidado! Todos os que, até hoje, tentaram desvendar as riquezas que o mato esconde, morreram. Não escapou um só..

..ao tornar, antes mesmo de alcançar as terras do Jequirissá, João Coêlho de Souza, num dos pousos do caminho, adoeceu súbitamente de doença grave. Adoeceu no pouso e morreu no pouso. .

E ainda continua a luta do homem contra a natureza. Rasgando terras, desganhando sertões, afrontando perigos, Caramurú ségue a pista de outros aventureiros e o escritor nos reláta que:

...por toda parte, em todos os acampamentos, botáva-se o baiano a rachar morros, e a abrir catas, e a ensaiar cascálhos, e cozer pedras em tachos. Que é que descobriu? Só Deus o sabe. Constatavam apenas os indios, com grandes embasbacamentos, que Melquior Dias, de quando em quando, após cozer muita pedra, dava de festejar aqueles esquisitos exames com reboliços alegrissimos.

Reparem na vida do que ségue :

E eram risadas, e alvoroçamentos, e muito e estrondoso tiro de espingardaria. Que significava aquilo? Os selvagens não entendiam. E êle :

—Eh, bugrada, a coisa vai! Mas não me vão dizer a branco nenhum onde fica esta serra..."

Encaminha assim, com a sua translucida paléstra, o leitor

para a busca das "bêtas" com aquele pomposo e luzido bando de desbravadores, com o castelhano, com o frade, com o engenheiro, com o provedor mór.. "Súbito, estrondeja esta ridente noticia fragorosa : Fernão Dias Pais Leme topava com as esmeraldas !" E outra : "Borba Gato, genro de Fernão Dias, assassinára a D. Rodrigo de Castel Blanco ! Como ? Ninguém queria acreditar ! Sofrear, com protestos e com embargos, diante das justiças, as possíveis raposias de D. Rodrigo, vá ! Mas assassiná-lo ? Assassinar o enviado do Príncipe ?

E ainda vemo-lo na "A terra das maravilhas" naquela noite de "ventos asperos".

•A nau Santa Cruz fura com desempenho a espuma corcovante. Lindo barco ! Tem as rés galhardamente acasteladas. Traz no costado patachos e barinéis. Reboja no traquete a bujarrona, panejando. Na pôpa, sob o toldo de carbasso, andam alegrias ruidosas. Grande festa a bordo: a nau, naquela tarde, cortara a linha. As guitarras, por isso, enchem-na de toadas amolecetes. Os viajeiros bailam. Róla a vinhaca".

O escritor faz salientar neste trecho os objetos, fá-los brilhar com mais radiosidade, com mais fulgor, tudo numa linguagem sã e clara. Podemos constatar-lo pelo que ségue :

"E' na raiz da serra. Cenário selvagem. Mataria densa. Perdido nesses ermos, unica nota viva, nota chocante, um casarão barreado e chato. Ao lado, o engenho de moer. A casa da purga. Ranchos de pau-a-pique. Tudo primitivo; tudo Brasil nascente". "A tarde caíra. Um crepúsculo macio vestia os morros de violeta. Por lombas e socavões, cerrado e virgem, o mato verdejava, profundo. Que paulama ! Eram angicos. Perobeiras galhudas. Guarantans. Figueiras bravas. Cangeranas. Aqui e ali, no entrançado das copas, punham os ipês alacridades estonteantes. Havia caneleira berrando pela bôca tropical das flôres. Batia o vento, às vezes; e vinha da serra um ar móle de cheiros selvagens."

Esta passagem belissima e real em que se salientam as nossas florestas virgens, é o mesmo que ler "Inocencia" do grande romancista Taunay, é o mesmo que ler "Iracema", é o mesmo que ler "O Guarani" de José de Alencar e, se aquele soube figurar as nossas belezas em "belissimos quadros", se este, pelo seu estilo primoroso, se pode afirmar que não precisaria assinar o que escrevesse para ser logo reconhecido, incluiremos tambem entre eles o nome de Paulo Setubal, artista consumado da beleza de estilo. Miguel Angelo da palavra escrita cuja fôrma bruta são aplainadas, cinzeladas, coloridas, desse colorido dos quadros de Rubens e de Leonardo da Vinci, dessa forma dos modelos de Fidias. Da simplicidade de um bandeir

rante, da sua bravura, às monstruosidades dos bastardos forma com eles correntes fortes de élos que não se quebram. Escutemo-lo :

— Isso não pôde ser ! E' preciso matar a fome dos cachorros !

Zé Dias caminha direito ao bugrinho que chôra. A india aperta o filho com ansia. Mas o bastardo de Fernão Dias não vacila : arranca o menino dos braços da mãe. A india finca no barbaro olhos bestificádos. Não quer comprehender ;

O facinora : — Macaco ! Urutú ;

Os dois cachorros, atarracados e membrúdos, acorrem galgando. Têm o ar sanguinolento. E Zé Dias :

— Vamos... Péga ! Péga !

Aremessa o bugrinho aos cachorros. Os molossos precipitam-se ferozes : duas dentuças, arreganhadas, cravam se bruscas na carne fragil. A mãe atonita, lança um uivo de cólera. Pula, chamejando, sôbre os dois cachorros. Mas Zé Dias, com a chibata na mão :

— Sae !

E corta a cara da india com uma chibatada.

— Sae !

E mete-lhe, na cabeça, novo golpe, tremendissimo. A desgraçada rola por terra, numa sangueira..'

Faremos aqui. Que monstruosidade, não ? E ainda lendo, vemos cenas que se desenrolam, quadros impressionantes fantasistas as vezes, reais outras e a gente sente aqueles homens falar, rugir de feras, a justiça banderante que chegou ao auge, ao cúmulo podemos dizer.

Vemos um conspirador da bandeira, condemnado a ser comido em vida pelas piranhas, peixes que horrorizam, peixes carnivoros. E, mais além, assistimos à condenação do proprio filho de Fernão Dias e mais ainda a vingança da guayaná, que lhe atravessa, com flechaço, o coração do assassino do seu filho.

E assim, com o seu estilo, torna-nos preso ao seu romance por insignificante que seja o assunto dando-lhe realce e elegância.

E', pois, Paulo Setubal um romancista imortal.

Suas paginas palpitam nas mãos dos que o lêem.

Escritor que se recomenda tanto para os que gostam da boa leitura como para estudantes que têm horror a ela, não só pela simplicidade com que transmite seus pensamentos, não só pelo arrojado das imagens, como pelo português correto, pelo brilho da frase e ainda pelo classico que é : na sua simpleza, naturalidade e originalidade.

Garimpo

da

Meu

Sônho

Versos

que

escreveu

Rubens de Mendonça



Garimpeiro

Ao Dr. Oscarino Ramos

Exposto ao sol, à chuva, o ousado aventureiro,
Já cego de ambição, buscava, num formento,
A pedra preciosa, e escava o dia inteiro
A terra a batear, em busca do sustento...

Procuramos também, qual esse garimpeiro,
As pedras da ilusão do nosso pensamento;
Garimpando no sonho o nosso grande intento,
Viramos pedras vãs, tal como esse mineiro.

E, assim vivemos nós, lutando noite e dia...
O cérebro a sondar esse abismo profundo,
A ampla mina gentil da nossa fantasia.

Cavamos, e eis por fim, pedras em profusão,
Carbonato feliz—qual o verso sacundo:
O Poeta é um garimpeiro em busca da ilusão!...



Saudade

A Júlio Dantas, maior escritor de Portugal.

*Saudade ! gosto amargo de infelizes,
Delicioso pungir de acerbo espinho.*

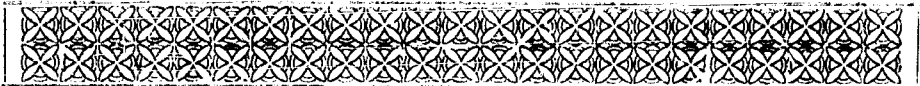
Almeida Garrett.

Vaga recordação dos meus dias passados,
Sônho... Tédio... Desejo... Amôr... Felicidade...
Essa angústia fatal dos sônhos encantados
Que foi o nosso amôr—e hoje é a minha saudade!...

Branca sombra de paz, que me embala a orfandade
Dêste tão grande amôr!... Belos sonhos doirados
Que sorriram gentís na minha mocidade,
E, hoje, exaustos, enfim, jazem, abandonados !...

Branca Filha do Luar, ó cruz do meu martirio !...
Sombra do amôr, que tem a palidez dum lírio,
E's o Téjo sombrio em lânguida tristeza !...

Saudade angelical, meu sonho de ventura,
O branco véu, que sempre a minh'alma tortura,
—Vocabulo espendor da Língua Portuguesa !—



RUSGA

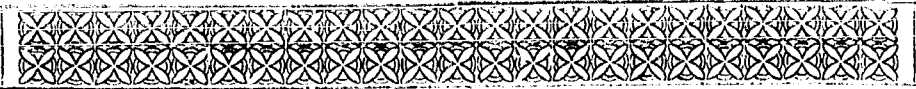
Noite de 30 de Maio de 1834.

Só se via de quando em vez, na noite escura,
Uma sombra passar! Um homem recurvado
Ao peso do Dever—mas cheio de ventura.
Dispoz-se a enfrentar o povo revoltado.

E nessa noite atroz, de horrenda desventura,
Noite em que o povo audaz se erguera denodado,
Só ele ia levar a fé, onde perdura
O ódio e o rancôr, ao grande povo irado.

Balas a sibilar... Noite atroz... Agonia...
Só o troar dos fuzis e a voz da ventania,
O silêncio a cortar, de momento a momento !

E nesta hora de dôr, ia de porta em porta,
O Bispo D. José, pela cidade morta,
Levando alívio e paz a cada sofrimento !



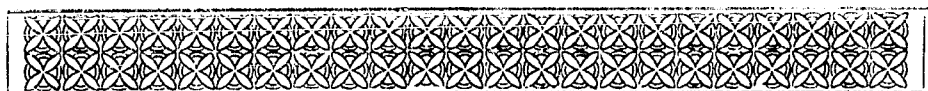
Invidia

Num imundo atascal um batráquio nojento,
Fitando com rancôr uma estrêla na altura,
E cheio de despeito, êsse sapo odiento
Da estrêla insulta a luz, a graça e a formosura.

Do imenso lamaçal, fitava o firmamento
O sórdido animal... E em sua vida obscura,
Sente a inveja a crescer, e em louco desalento,
Atira a lama à estrêla, e a estrêla mais fulgura.

Poeta, assim também, se fores insultado,
Se algum perverso ou vil, te houver caluniado,
Trabalha, e para os maus tenhas sempre o perdão.

E o exemplo has de seguir dessa estrêla luzente,
Á vilêza, ao rancôr, a tudo indiferente
Segues, a conquistar, enfim, a redenção !



Rumando ao Ocidente

Tempo em que, num tropel, num bizarro alvoroço
De armas e embarcações, como agora não há,
Partiu para o sertão, rumo de Mato-Grosso,
Pascoal Moreira, fundador de Cuiabá.

Batista Cepelos. (Os Bandeirantes).

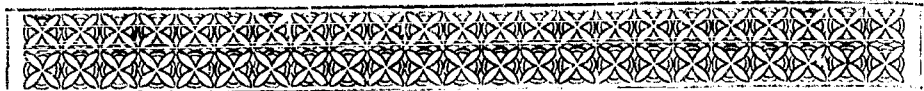
Para Fábio Monteiro de Lima.

No Rio Paraguai ! o dia despontava
E uma doce alegria em tudo manifesta,
Aves a gorgear, e a natureza em festa
Parecia saudar o bando que passava...

Quantas léguas venceu ? Centenas ! E lhe resta
Outras tantas vencer ! E o herói avançava
Em uma luta audaz com a correnteza brava
Do rio, ou ora a lutar com o tigre na floresta !

Sônho... Glória... Ambição... Meditando isolado
Nessa febre de ouro, o fúlgido ELDORADO,
Olha os céus a cismar, o audaz Pascoal Moreira...

Ele segue a marchar, embora cruelmente
~~Faça frio ou calor!~~ e segue indiferente
Na ânsia de conquistar a Pátria Brasileira !...



DESIUSÃO

A Clarindo Brandão

Não busques estudar, jamais, psicologia !
Porque é muito nojenta e sórdida a alma humana;
Se vires muito riso, é falsa essa alegria
Que a humanidade vil só do falso se ufana !...

Descreias da bondade e da filantropia,
São rótulos com os quais essa gente te engana;
Se acaso lhe caír a máscara sombria
Verás um polvo horrendo, em uma cara insana !...

Não busques estudar, e nem conhecer a alma !
Os homens são tão vís, tão maus e tão perversos !
São mais sujos talvez, que a própria e imunda lama !

Poeta, debes viver, no mundo da ilusão !...
Canta a natura e Deus, nos teus sublimes vórsos,
Que não ferás, assim atroz desilusão !...



D. José Antônio dos Reis

Paladino da fé ! qual Cristo, vieste ao mundo,
E só semeaste o bem, o amor e a caridade !
Eras meigo, éras bom, e o teu verbo profundo,
Tal como o de Jesus, prégava a piedade..

E quando em meio a rusga, êste povo iracundo
Se erguera desvairado e cheio de ansiedade,
Fôste tu, D. José, o herói, que, num segundo,
Dominaste do povo a atroz ferocidade !..

Fôste Santo e Herói ! o teu nome é uma glória;
Qual Francisco de Assis, ficaste em nossa história,
Símbolo de humildade e paz e perfeição !

E envolto ao nome teu uma aurea lenda encerra
Sacerdote do amor, derramas sobre a terra,
Uma benção de paz, de amor e de perdão !



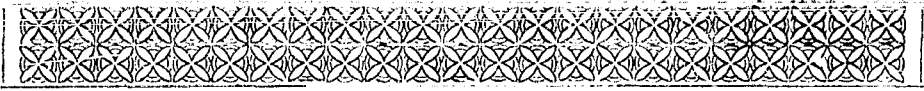
O Velho Lâmpião

Hirto e triste repousa agora abandonado
um velho lâmpião, sem luz, nem claridade,
que outrora iluminava esta velha cidade
e hoje tristonho jaz, tal qual um condenado...

E à noite triste e só, relembra uma outra idade.
e recorda talvez, de outro tempo passado,
o velho lâmpião, assim tão desprezado,
e, humilde, fita os céus e implora piedade...

Hoje, mudo e tristonho, envolto em densa treva,
fantasma assombrador, que na amplidão se eléva,
o vento passa, enfim, zombando dos eu mal.

E o velho lâmpião, sozinho e tristemente,
como um Poeta a cismar, torna-se indiferente,
ao insulto, e ao rancôr da turba vil, boçal !...



O Morcêgo

A Other de Mendonça

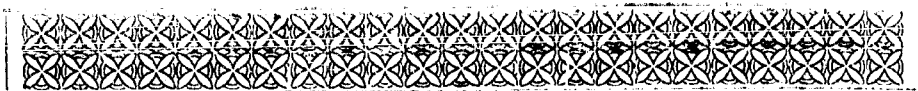
A Conciência Humana é este morcêgo !
Augusto dos Anjos.

Espavorido, assim, ansiosamente,
a noite toda o Nóctula a vagar
passa, e, ora serenando mansamente,
porfim na ebúrnea estátua vai pousar.

Depois, voando, convulsivamente
numa fúria de quem quer arrombar
a branca engra, que tão fortemente
impedia-lhe a fúria de passar...

Esse Nóctula é como nós — humanos !..
só desejamos, quando são insanos
nossos desejos, — sem os alcançar.

Ele no quarto, vendo a claridade !
duas janelas para imensidade,
fôrça inda a engra p'ra poder passar !



OLHOS TRISTES

Olhos tristes, vós sois como dois sóis num poente
Cansados de luzir, cansados de girar,
Olhos de quem andou na vida alegremente
Para depois sofrer, para depois chorar.

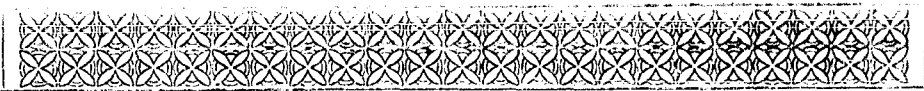
Luis Edmundo.

Olhos tristes, ocaso da amargura,
Sois tristes, como é triste o sói poente !
Êsse olhar que me fita indiferente,
Outrora me fitava com ternura !

Olhos tristes, vós sois eternamente
O meu mal, minha dôr, minha ventura !
Olhos, que meu olhar, em vão procura,
Olhos que busco apaixonadamente...

Olhos tristes, vós sois o meu calvário...
Como Ahásverus vos sigo solitário,
Buscando o vosso olhar e o vosso amôr !...

Olhos negros, opacos e tristonhos,
Vós sois a vida dos meus pobres sonhos,
Olhos tristes e cheios de amargôr !...



Pôr do Sol

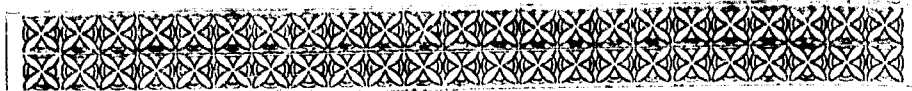
A Gervásio Leite Pereira

Tristezas de um sól — pôr... Nós dois... Mais anda...
E ninguém mais, só nós dois... E eu gemendo,
Amparado em teus braços, minha amada,
Neste delírio atroz, desfalecendo...

Vendo-me assim, (tu branca e assim banhada
Em lágrimas); e eu mórbido e estorcendo
Na ânsia extrema da morte torturada
Ir morrendo com o sól que ia morrendo...

E preza à tua, a minha mão já fria.
No derradeiro instante da agonia...
Solidão... Ninguém mais, só tu e eu !

Tu sugando o meu lábio indiferente;
E eu morrendo em teus braços cruelmente,
Assassinado por um beijo teu !...



Entardecer

Para Euricles Mota.

Quando fito no ocaso o sól morrente,
Que vai morrente pelo céu de Agôsto,
A tristeza da tarde no poente
Enche minh'alma toda de desgôsto...

Agoniza o luseiro mansamente...
E, pelo espaço, ao misticismo exposto,
Sofre meu coração triste e dolente...
As tristezas da tarde, e dum sól — posto !

O' quadro de rubí ! O' ametista
Pôr—do—só ! O' tristeza simbolista
Que a êstes versos me trouxe inspiração !

O' tardes de rubí, ô fim do dia !...
Quando um sino soluça—Ave Maria—
E a terra dorme em densa escuridão !...



Para Você

Você é tudo para a minha vida.

Você é a vida do meu grande amor!...



Nocturnos

Noite... e um piano ao longe chora..
"Nocturnos" de Chopin... ferem-me os nervos
Os sons, a melodia e a harmonia..
Ah! quem me dera estar ao teu lado agora,
Nesta noite tão fria e tão macia em que chora "Nocturnos"
de Chopin
Como minh'alma aflita tambem chora...

Ah! quem me dera estar agora ao teu lado..
E ter entre meus braços
Para cobrir com meus beijos
A tua cabecinha cor-de-ouro...

Ah! quem me dera ter entre meus braços a mulher ideal
dos meus amôres...

A noite é fria e "Nocturnos" de Chopin soluça e chora...
Agora
Eu quasi adormecido
Esqueço
O mundo...
E num sonho profundo,
Lembro-me de ti que nunca volverás
Aos meus braços! ..

E, ao longe, muito longe, há lamento no Ar,
Que vai morrendo triste e soluçando, como triste agoniza
A ultima nota de um "Nocturnos" de Chopin...



Quarta-Feira de Cinzas

A Hélio Ribeiro

Cheio de tédio
e de mágua cheio,
após dançar tres noites sem descanso
o homem ficou-se pensativo e triste,
a contemplar a tarde melancólica !...
Porém uma chuva impertinente
caía mansamente,
como se fôsse um fino véu !
E o homem triste
mais triste do que essa tarde de Quarta-feira de Cinzas,
pedia ao céu
que mandasse uma chuva, mas uma chuva enorme
para lavar toda a lama
das sargetas das ruas
e também lavar o coração do povo !...



LÁZARO

Abre as janelas, Lázaro e proclama:
Deus! vós que dais a toda natureza
Flôres, e à luz do sól a ardente chama;
Arrancai-me senhor desta tristeza...

Lázaro chora e sente que em sua alma
Násce a alegria, e vê quanta beleza
Ilá sôbre a terra, e lázaro exclama:
Deus! fazei que eu resisísia a esta fraqueza...

Ao romper lentamente a madrugada,
Gorgeia em alvoroço a passarada
Saudando da manhã o róseo véu !...

Lázaro exausto sente agonizando
O seu destino aos poucos ir findando,
E ir sua alma subindo para o céu !...



COVARDIA

Pero tuve miedo de amar con locura,
de abrir mis heridas, que suelen sangrar,
! y no obstante toda mi sed de ternura,
cerrando los ojos; la dejé pasar !

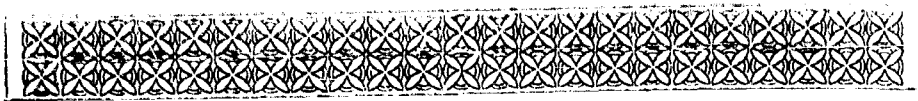
Amado Nervo.

Tive no coração atroz ferida,
Um louco amor nascido num momento
E tornou-me a existência dolorida
Qual um rosário triste de tormento...

Empreguei de maneira desmedida
Em curá-la um esforço violento
Foi debalde. Pois toda a minha vida
Encheu de angústia, dor e sofrimento...

Porisso, em vão o teu olhar procura
Os meus olhos buscar — (atroz loucura) !
Lembro inda d'outra que me fez sofrer;

"E assim passas, ao alcance do meu beijo",
Buscas-me em vão — é trêmulo de pejo
"Eu fecho os olhos para não te vêr" !...



VELHO CASTELO

A Benedito de Figueiredo

Minh'alma é qual castelo abandonado
escombros solitários de tapera,
no silêncio da noite e do passado
Descansa envolto em verdejante hera...

E hoje, tristonho, quêdo e sossegado,
por entre a ruína onde a saudade impera,
êsse velho castelo desprezado
sente morrer os sonhos e a quimera...

E assim também, minh'alma abandonada,
vive sózinha, triste e bendizendo
a paz da solidão abnégada !...

Tornára o tempo êsse castelo em pó,
e como êsse castelo, eu vou vivendo.
Nesta glória suprema de sêr só !...



Do Ocaso

A. Lenine Pávoas

Na luz crepuscular,
Chóra saudade branca pelo Ar!...

Leonidas de Matos,

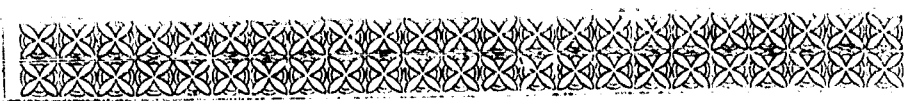
Tarde... Deserto... O ocaso se ensanguenta...
Solidão... Céu e mar... É que ansiedade
Sinto em minh'alma nesta soledade
A tristeza da noite descer lenta...

Ocaso... Hora de sônhô e de saudade...
Hora de Angelus, triste, hora cinzenta...
Em que o mar, velho mar ruge — e a tormenta
Cresce, e desaba enfim a tempestade...

E em escarcéos o oceano agigantado
Ulula, e lentamente um manto alado
Desce, enchendo de noite o céu e o mar!

Surge a lua... E o mar chorando as máguas,
Num soluço monótono das águas,
Beija a praia banhada de luar!...

Baía—936.



CEARÁ

A Benedito de Melo

Vinham escoteiros. Menos os hydropicos — doente de alimentação toxica — com os fardos das barrigas alarmantes.
Não tinham sexo, nem idade, nem condição nenhuma.
Eram os retirantes. Nada mais.

José Américo de Almeida (A Bagaceira).

Deserto atroz !... E sob um sól cruento
De um calôr infernal, eis abrasada
A terra de Iracema; é um relento,
Onde não canta mais a passarada...

Vêm caminhando pela longa estrada
Os retirantes !... Vêm sob o tormento
Do sól... E a terra toda é requeimada !
E eles, sofrendo, marcham, sem lamento.

Exaustos vinham de cansaço ! E em tórno
Arde a terra abrasada como um fôrno
E o martírio os consome lentamente !

E da turma um, ás vezes, torturado,
Tomba por terra, e o cearense ouzado
Agoniza no solo incandescente !..

Aracajú—936.



A GARÇA

Alma de poeta, sê qual a garça voando
Sôbre o vil atascal e sôbre a lama impura,
Olhos postos no azul, no éter sereno e brando.

José de Mesquita.

Quando a tarde agoniza e a noite desce
e sopra o vento sul em doce afago,
nesta hora em que tudo se entristece,
a garça triste cisma sôbre um lago.

Nessa atitude quêda, sônha e esquece
o mundo, e fica a meditar num vago
e num profundo sônho, e a noite cresce
cobrindo a terra de negror aziágo !...

E a garça triste vê passar num sônho,
o sórdido paúl, êsse medonho,
da voragem atroz e ameaçadora !...

Medita, sônha, esquece, pensa e cisma...
Vendo esta vida pelo mesmo prisma,
minh'alma é, como a garça sônhadora !...



ABSINTO

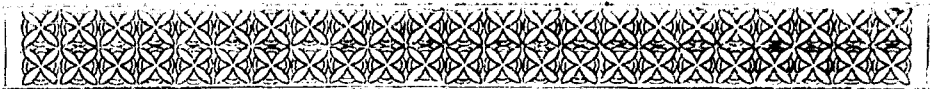
Vem famoso Absinto ! Vem risonho
companheiro da dôr e da agonia !
Muitas vezes conduzes-me ao sônho,
produzindo-me instantes de alegria...

Quantas vezes, eu pálido e tristonho,
cheio de mágua e de melancolia,
vou à taça, matar êste medonho
tédio, que me persegue noite e dia...

E assim, sorvendo o líquido azulado,
para encobrir a nódoa do passado,
vou à taça buscar consolação !

E como Baudelaire na desventura
sorvo os tragos da taça com loucura
de Edgar Põe, buscando inspiração !...

Aracajú—936



Não digas a ninguém

Peço-te: não digas a ninguém que te amei...
Jamais digas que fui teu !

.

Não digas que os meus lábios roçaram nos teus lábios !
e, nem que as minhas mãos trêmulas e frias
roçaram na epiderme macia da tua carne em flôr.

.

E, nem digas que as minhas unhas feriram
sem querer,
os róseos bicos do teus seios !...

.

Não digas a ninguém que te amei !...

São Salvador, 20 de Julho de 1936.



Rumo ao Oeste

João Luís Pereira Neto

1.^o Tenente do Exército Nacional

Em 1771, um coronel da Real Infantaria Portuguesa foi surpreendido com uma nomeação para Capitão-General de Mato-Grosso, longínqua Colônia Portuguesa então cubiçada pelos Castelhanos. A designação era assinada por Sebastião José de Carvalho... E o Marquez de Pombal sabia escolher os seus auxiliares. Foi assim que Luís de Albuquerque Melo Pereira e Cáceres, depois de longa viagem marítima e terrestre, veio representar o seu papel neste palco onde portugueses, espanhóis e índios disputavam a mosquete e a flecha o título de donos da Região. Estava-se na época em que os limites entre paizes, eram traçados com o sangue dos soldados, e a espada, a guiza de todas as querelas. No imenso Mato-Grosso, o boróro dominava as vias de comunicação e o Castelhamo pisava com botas de vencedor muito aquem da nossa extensa linha de fronteira atual.

A cabeça e as mãos de Pereira e Cáceres botam fim a esta situação creando para o Brasil o gigantesco reservatório de materias primas que é o atual Mato-Grosso.

Com pedras e canhões trasidos a remo, foram construídos os fortins que juntamente com as vilas, aldeias e fazendas creadas, serviriam como nova linha demarcadora de limites.

O deserto se pontilha de povoados: Albuquerque, Vila-Maria, Príncipe da Beira, Casalvasco, Salina, Corixa-Grande, Coimbra e Vizeu se erguem, atestando o poderio de um povo audaz e destemeroso.

A batalha campal de 1781, a fúria dos selvagens guerreiros matogrossenses, o controle da navegação do Jaurú e a posse de ambas as margens do Paraguai, põe fim às tentativas de penetração hespanhola direção ao atlântico. E, apesar do clima pouco salubre, o vale do Guaporé se transforma numa colmeia humana. Os canhões de Coimbra e do Príncipe apregoam a entrada triunfal da civilização nessas relativas e ricas regiões.

17 Anos de governo... Uma mocidade perdida... um império colonial conquistado... Depois o esquecimento e a falta de continuadores devolveram á selva essa conquista. Duzentos anos são passados. E o espírito de Luís de Albuquerque aguarda ansioso o momento em que os brasileiros abandonando a miseravel e inutil vida dos habitantes litorâneos, venham, em transbordantes torrentes, reconquistar o seu Oéste tão querido e ao qual deu tudo quanto possuía de caro: a mocidade, a saúde e a extraordinária inteligência e capacidade de trabalho.



D E U S

Agrícola Paes de Barros



“Finalmente, no desenvolvimento, presenciemos os processos e os métodos de trabalho da vida. Nêle nós assistimos maravilhosos, como de um arco braquial se faz uma glândula de secreção interna, como de um divertículo do canal digestivo se faz um pulmão, como de um curto tubo se faz um fígado, como de uma goteira cutânea se faz uma medula, como de uma dilatação medular se faz um cérebro, como de uma projeção encefálica se faz um olho”...

Do livro “A Aventura Humana”, (do Gêrme ao recém nascido).

Jean Rostand.

Quem foi este operário genial
Que fez de um simples arco braquial
Um utilíssimo órgão secretor
De relevante e colossal valor ?...
Quem tirou do canal da digestão
A parte com que fez todo o pulmão ?...
E o fígado, tão grande e complicado
Que de um pequeno tubo foi tirado ?...
Qual o operário de arte, que modula
Uma delicadíssima medula,
Tomando uma goteira do tecido
Cutâneo, simples friso entumecido ?
Quem da medula a ponta dilatou
E o cerebelo e o cérebro formou ?
Quem desta parte fez a projeção
E fabricou o órgão da visão ?
Esse grande operário, amigos meus,
É o fabricante do Universo — É Deus !

Junho—1938

NA ENCruzILHADA

Para Rubens de Mendonça

Certo dia,
quando a luz se defrontava com as trevas,
—o dia a morrer,
a noite a nascer—
tu me apareceste numa curva da estrada...

Peregrinos do destino,
desiludido de outros encontros,
paramos a conversar,
vislumbrando uma ilusão
numa nova esperança;
e na liturgia da tarde,
à beira do caminho exaustos,
eu falei de mim
e tu falaste de ti,
a voz repassada de ternura,
a viver uma hora de sonho,
esquecidos do que nos cercava.

Lago, porém, olhando em redor,
o ouvido alerta.
amargurado notei :
—os passarinhos não cantavam,
tristonha era a voz da fonte
e não perfumavam as flôres...
Compreendi então
—tudo conspirava contra nós,
o proprio ambiente nos era hostil,
e por isso mesmo, também,
impossível desfrutar juntos
a felicidade vislumbrada..

E, hoje, olhando a estrada
que ante nós se bifurca,
tendo nos lábios
—um sorriso heroico,
e no olhar
—uma sombra de desânimo,
eu me despeço de ti.

Adeus, querida,
esqueçamos as horas deliciosas
que vivemos juntos,
os minutos amáveis de ventura
e de esquecimento...
Sinto ante tudo que nos cerca,
nossos lábios não foram talhados
um para o outro...
Partamos, amôr...
Vê, aquelas nuvens plúmbeas,
o vento que as frondes verga
—é a ronda da amargura...

Bem sei que não levo paixão,
mas, uma vaga saudade
—a ternura do teu olhar,
o doce modular da tua voz...
Esqueçamos, querida, peço-te...
vou partir, amôr, beijo-te...
A estrada se bifurca
—segue por um lado,
eu seguirei pelo outro;
talvez,
se o Destino o quiser,
nos encontremos lá adiante...

Euricles Mota.

Desilusão

Para o álbum de **DIVA**

O mundo é todo cheio de esperanças,
A vida é toda plena de quiméras,
Que a gente, neste vale de bonanças,
Vive a sonhar com lédas primaveras.

Flôres, perfumes, risos, aves mansas,
Sonatas deliciosas, mil esferas
Celestiais, são pálidas lembranças
Da vida, nestas fulgurantes éras...

Como é bela a existência assim... Mas, quando
Menos se espera, surge um monstro horrendo
Impiedoso as ilusões matando...

Vem a Desilusão... Cheio de espantos
O mundo se transforma, então, tremendo.
Em negro vale de amargosos prantos.

Ulysses Cuiabano.

Descrença

No álbum de **HORMINDINHA**

Nêsse jardim de Fada — o coração,
Viceja, ás vezes, uma flôr tristonha.
De perfumes letais, rubra e medonha :
— A Descrença, satânica criação.

O formoso vergél, fresco e loução,
Vai perdendo a aparência tão risonha
Dêsse Êden terreal, que a mente sonha
Nas doces horas de meditação.

Então Cupído — o jardineiro experto,
Impotente ante a atroz exuberância
Da flôr que mata as outras flôres, certo

Vai morrendo, também, de inanicação...
— Amôr ! — reaja com fervor, confiança,
E extirpa a flôr fatal ao coração !

Ulysses Cuiabano.



O Preto do Pistão

João Baptista Martins de Mello

Presidente do G. B. "José do Mesquita"

Aquela orquestra vive a provocar risadas nos que a ouvem. Então o negro que toca pistão, — de vez em quando com surdina—, é o mais gozado. Ele se treme todo para, naturalmente, imitar o norte-americano.

O rapaz da «pancadaria» é formidável. Dança na cadeira. Salta como cabrito contente. Chuta o bombo como se estivesse jogando futebol.

O da flauta é cômico. Rí, sapateia, e bate com o instrumento na castanhola da «pancadaria».

O do violão é o mais calmo: assim mesmo, conforme a hora, dança ao redor dos outros.

Mas, o preto é a figura distinta do bando. O pistão aniquilado, vê fogo... O muleque se torce todo, e pula, e dança, e sapateia, que até anima a turma. E, além de tudo, é convencido. Quasi só toca *fox*. Quer imitar o norte-americano. Ah! preto...

Quem o ouve, muito o aprecia. E' atraente mesmo... O seu toque tem algo de agradável. O negro é geitoso. E' gozado. E' muleque. E' safado. E' convencido...

(Do livro «Prosa Ligeira», em preparo).

Velha Estrada

Ao Des. Palmiro Pimenta, Presidente de honra do Grêmio Literário "Álvares de Azevedo".

Ainda se vê no dorso da chapada
Os traços duma estrada abandonada
Para Mato-Grosso,
Onde Rolim passou seguindo a pista
Dos bravos, que cruzaram na conquista
Dum Brasil colosso.

Estrada da conquista, pioneira!
Estrada que levou nossa fronteira
Lá no Guaporé.
Que da Passagem Velha começava
E para o Meio-dia se voltava,
Rumo a Poconé.

Estrada bandeirante, eu te saúdo!
És do passado um atestado mudo
Pelo Chapadão.
E que te importa agora estradas mil,
Se nos fastos da História do Brasil
Tens o galhardão?

Quantos segredos no teu leito abrigas...
Lágrimas, chôros, máguas e fadigas
Do viajor audaz.
E quantos ao teu lado sepultados,
Dormem sem uma cruz, abandonados,
Para nunca mais.

Estrada cicatriz de tantas glórias!
És uma linha mãe das histórias
Dêste grande Estado!
E pôr te vêr a sós, abandonada,
Ao som da minha lira enferrujada
Canto o teu passado!

24—4—38

José Antonio da Costa

Tênue Confissão

Glórinha Novis

*Quem me dera poder dizer-te tudo
Que sofri, e ainda sofro, sem poder,
Num desespero atroz, infindo, mudo,
Um momento, um segundo te esquecer. .*

*Desde o dia em que, mais cruel que Marte,
O meu destino, qual um fero algoz,
Me obrigou ao suplício de magoar-te,
Cavando o imenso abismo que ha entre nós.*

*Mas é impossivel! porque tenho medo
Que de pösse do meu grande segredo
Não te apiedas dêste coração.*

*Cuja vingança única e innocente,
Será a de perdoar-te eternamente,
Embora nunca alogance o teu peccado*